

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 370 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita,

AVEIRO

CONTRADIÇÕES

Os partidos monarchicos continuam a dar um espectáculo tristissimo á nação. Cada dia que passa é uma data memoravel na historia da decadencia politica d'este paiz. Para elles não ha principios, não na crenças politicas, não ha nada. Domina-os uma ambição desmesurada, um interesse villão que os faz revolver n'um lodaçal d'infamias e torpezas. O que se está passando entre elles por causa da viagem real, e que tem entretido os ocios de muita gente honrada pelo excesso da gargalhada, não é interessante, não é engraçado, mesmo para nós os republicanos que queriamos reconhecer no paiz um mais alto grau de dignidade; é simplesmente nojento, é torpe. No momento em que a Europa atravessa uma crise terrivel, quando são reconhecidas por todas as pessimas condições administrativas em que vivemos, a politica monarchica em vez de zelar os nossos interesses de nação colonial e independente, em vez de se dedicar a estudar os diferentes ramos administrativos, em vez de discutir principios, questiona nos seus jornaes, em verdadeira linguagem de regateira, o bom ou mau acolhimento real.

Anda acesa a lucta no Oriente. A Inglaterra invade o Egipto com os seus magnificos e numerosos exercitos e occupa o canal de Suez. Prevê-se um grande cataclysmo, uma guerra horrosa, uma conflagração geral de toda a Europa e as nações preparam-se convenientemente. A Allemanha, a Austria e a Italia, que não tem colonias, que não tem interesses directos no Egipto, oppõem-se á Inglaterra e não estão dispostas a consentir que ella ocupe o canal de Suez. Todas ellas enviaram navios de guerra áquellas paragens para protegerem os seus subditos. Todo o mundo fixa as atenções no embroglio diplomatico do Oriente, que já começou a ser resolvido pelas armas.

E entretanto que faz Portugal? Portugal não tem tempo para tratar d'essas ninharias. O seu rei viaja e diverte-se. Os seus ministros andam na grande pandega de braço dado com a realza. Temos jantares, temos bailes, temos fogueiros, philarmonicas, illuminações. Que mais queremos? Que mais merece esta canalha portugueza, que tem a subida honra de possuir um rei?

Possue a Hespanha as Filipinas para alem do istmo de Suez, a Hollanda as suas magnificas ilhas da Oceania, a França a Cochinchina. A pri-

meira enviou sete fragatas ás aguas do oriente e prepara 25:000 homens para o que for necessario, ao mesmo tempo que a sua imprensa trata activamente de lembrar ao governo o seu dever; a segunda, assim como a primeira, vae tomar lugar na conferencia de Constantinopla no tempo opportuno; a terceira sabe toda a gente a parte preponderante que toma na questão do oriente. Mas Portugal possui mais colonias do que as trez, tem mais interesse na neutralidade do Canal do que ellas. Correm perigo as suas vastissimas terras de Moçambique e da India, e Macau e Diu e Timor. Que importa isso? El-rei diverte-se, os ministros querem brodio. O nosso governo nem sequer um navio de guerra tem no oriente para proteger os nossos compratrias, que tiveram, por occasião do bombardeamento de Alexandria, de ir pedir guarida a uma bandeira estrangeira. Os nossos embaixadores, em lugar d'estarem no seu posto vigiando com cuidado a honra e o interesse nacional, andam tambem a passear, na bambochata folgada, á custa d'este pobre paiz, d'este desgraçado que se chama povo, carregado d'impostos como uma alimaria, sem liberdades, sem consideração, tratado não como homem, como ser racional perfeito, mas antes como um verdadeiro chimpanzé.

E a imprensa portugueza não vê isto. Esta grande imprensa, seria, digna e illustrada, entendeu ser mais conveniente discutir a viagem real, indagar se o rei foi bem ou mal recebido, do que tratar esta questão puramente nacional. E quando dizemos imprensa, referimo-nos, está claro, á imprensa monarchica, porque a imprensa republicana, a unica que devia tratar a viagem real politicamente, é tambem a unica, pelo menos em parte, que tem tratado seriamente os negocios do oriente.

Isto é nojento, é torpe, é villão. Lançam-se á margem os innumerados cidadãos portuguezes que occupam as regiões do equador, ninguém tem uma palavra de compaixão, ao menos, para com elles, desprezam-se insolentemente as colonias, e tudo sahirá d'um fetiche que nada representa espreitando cuidadosamente o que se passa em volta d'elle para o interpretar conforme as suas paixões, os seus vicios, as suas ambições desregradas.

Os regeneradores forjam telegrammas falsos e puhas dizem os disparates mais monumentaes julgando que engrandecem d'esse modo a sua politica; os progressistas fazem outro tanto. E seja-me permitido agora estigmatizar severamente o procedimento d'este partido, d'este bando, por

que nem o nome de partido merece. Uns homens que são os primeiros a desautorisar o rei, quando opposição, que o insultam, que o desprestigiam, que o arrastam pela lama, dizendo-se monarchicos, não tem dignidade, nem brio, nem caracter. Deviam-se lembrar que o seu unico sustentaculo é o rei. Desautorisado elle, está morta a monarchia. Mas elles dizem que só assim escalam o poder. E é esta a sã politica monarchica. Estes politicos realengos não são simplesmente exploradores, são tambem idiotas. Se o notavel Topinard, o illustre anthropologo, lhe podesse examinar os craneos seguramente teria n'esse exame um estudo precioso, porque com certeza encontraria notaveis depressões. Isto parece-nos ás vezes uma raça de microcephalos. Não ha nada mais baixo. É tudo enxurro.

ENSINO UTIL

Abrimos hoje no rosso jornal uma nova secção, em que daremos aos leitores artigos, de quando em quando, relativos a assumptos de importancia superior. Começamos hoje por traduzir uma magnifica noticia scientifica da trichina ou trichinose devida ao celebre Flamarion e para que chamamos a attenção do leitor, porque interessa a todos por igual.

AS TRICHINAS

Tem-se fallado tanto de trichinas que importa dar aqui a sua historia zoologica.

O naturalista allemão Virchow explicou perfeitamente o desenvolvimento da trichina e a sua transformação depois d'ella ter penetrado no interior dos orgãos.

A trichina existe no intestino do porco. É ahí que ella vive e fecunda. Quando o porco contendo larvas é comido pelo homem, chegam ellas ao seu intestino e ahí se fixam por algum tempo. Não lhes convindo porem este meio, dão-se pressa em sahir d'elle e penetrando a tunica intestinal cahem nas veias. O sangue arrasta-as em seguida até ao coração e atravessando os grandes e pequenos vasos, chegam aos musculos, seu lugar predilecto. Chegadas ao estado completo de desenvolvimento, as trichinas vivem á custa dos musculos.

As trichinas não podem pois desenvolver-se completamente nem reproduzir-se senão no intestino, o que só succede quando os musculos d'um animal encerrando trichinas enkistadas são comidos por um outro animal ou pelo homem. Então chegadas

ao seu meio favoravel, sahem do kisto que as encerra e terminam as suas singulares peregrinações dando nascimento a novas gerações.

Estes parasitas que escolheram para alojamento o homem, o porco e o coelho multiplicam-se no intestino com uma rapidez assustadora. Cada trichina mãe pode dar origem a 1:000 embryões; bastam pois alguns milhares de femeas para produzir milhões de jovens trichinas. Esta prodigiosa fecundidade explica a invasão repentina do corpo do homem e a sua destruição por todos estes pequenissimos parasitas, que o martyrisam com grandes dores em toda a sua extensão.

A primeira vez que foi notada a existencia da trichina foi em 1832 por o anatomista Hilton que, fazendo a autopsia no cadaver d'um velho, achou nas carnes um grande numero de pequenos corpos brancos com um milmetro de comprimento, pouco mais ou menos, dissimulados nas fibras musculares. Em 1835 Owen estudando os corpusculos ao microscopio, reconheceu que eram kistos encerrando um verme que elle denominou trichina espiral. Em 1859 uma epidemia d'este genero foi observada por M. Zeuker, de Dresder. A origem tinha sido um unico porco morto n'uma quinta. Uma creada da quinta morreu e o seu corpo examinado ao microscopio estava completamente cheio d'aquelles hospedes terriveis.

O sr. Virchow fez, em Berlim, uma serie d'experiencias sobre estes animaes. Deu bocados de carne trichinada a alguns coelhos. Um morreu ao fim d'um mez e encontrou-se-lhe o corpo invadido pela trichina. Outro, nutrido com a carne d'aquelle morreu igualmente.

Uma epidemia em Magdebourg, que durou alguns annos, alcançou mais de 300 pessoas. Em Ederleben, perto de Magdebourg, havia em 1805 mais de 300 epidemicos cujo soffrimento moral ainda mais augmentava as dores. Com effeito, o doente atacado de trichinose presencava uma morte lenta e inevitavel á qual não pode oppor a menor resistencia. Espalhou-se um grande panico n'aquella cidade e a maior parte das pessoas atacadas pela molestia fugiam a toda a pressa para escaparem ao que julgavam ser o cholera. Cahiam no caminho esgotadas de forças e assim encontravam a morte ao longo das estradas e á beira dos fossos sem socorro de qualidade alguma.

Todos os remedios que se tem experimentado contra a affecção trichinal são impotentes. No estado actual da sciencia não ha cura nenhuma. Só

a natureza pode fazer alguma coisa produzindo o—enkistamento das trichinas. Todos os cuidados se devem prestar por conseguinte, aos meios preventivos.

Recomendam-se os seguintes meios para evitar o desenvolvimento da trichinose: vigiar attentamente o alimento dos porcos, inspecionar cuidadosamente as carnes, e sendo possível, estabelecer um microscopio em cada matadouro; coser muito bem a carne de porco destinada á alimentação do homem.

A doença dos carneiros, primeiras victimas da trichinose nas epidemias da Allemanha, não impediu que os collegas de Berlim gritassem furiosamente contra o sr. Virchow. A fim d'esclarecer a questão que agitava toda a população de Berlim, o syndicato dos carneiros convocou uma grande reunião de professores da Universidade, de medicos e de jornalistas. Tratava-se de discutir as medidas a tomar para atalhar o mal. No meio dos debates um veterinario chamado Urban pediu a palavra para fallar contra o sr. Virchow. Contestou, com violencia, todos os factos affirmados pelos sabios e como prova decisiva declarou que era capaz de comer carne cheia de trichina.

O naturalista respondeu a este desafio tirando do bolso um salchichão onde tinha descoberto os terriveis parasitas. Cortou um bocadinho e ofereceu-o ao adversario. Este tratou de se esquivar, mas a assembléa levantou-se em pezo obrigando-o a comer em altos gritos.

O veterinario, apanhado no laço, comeu de muito má vontade o perfido bocado do salchichão e depois sahio precipitadamente... Conta a historia que foi logo a casa d'um pharmaceutico tomar a toda a pressa um vomitorio energico e accrescenta que, apesar d'isso, não tardou muito que o desgraçado fosse atacado de paralyisia e destruido pelo terrivel inimigo cuja existencia tinha negado.

Em França, o governo encarregou os srs. Delpeck e Reynal, membros da academia de medicina d'ir estudar á Allemanha a trichinose no homem e no animal. A opinião d'estes professores é que o costume de cozer bem a carne de porco, que é geral em França, terá sempre por consequencia impedir a generalisação epidemica da trichinose.

Na Allemanha, pelo contrario, os operarios e os habitantes do campo comem habitualmente carne crua, inteira ou aberta, ou então simplesmente fumada o que não consegue matar a trichina.

FOLHETIM

O QUE É O CEO

Para se formar uma verdadeira idéa do ceo, é preciso em primeiro lugar formar-se uma idéa precisa do globo terrestre e representar-se este globo «suspensio no espaço sem nenhuma especie de apoio» exactamente como o seria no ar uma bola de sabão. Ainda assim acha-se mais isolada do que a propria bola, porque esta repousa na realidade sobre camadas d'ar, mais pezaadas do que ella, em quanto que a terra não repousa sobre nenhum fluido, sobre nenhuma camada e permanece independente de qualquer ponto d'apoio ou suspensão.

— Mas então, dir-me-hão alguns, se ella é assim lançada no espaço como uma bala, porque não cahe?

— E onde quereis vós que ella caiba? lhe responderei eu.

— Em baixo, replicar-me-hão.

— Mas o que quer dizer esta expressão «em baixo»? É uma idéa puramente rela-

tiva. Se imaginardes bem o globo terrestre, isoladamente suspenso na extensão infinita, não tardareis em reconhecer que não ha alto nem baixo no universo. Examinae com effeito. Eis aqui este globo no espaço. Elle mede, como sabeis, trez mil leguas por diametro. Vós deveis ter, não sendo alto nem baixo, cinco a seis pés d'altura. A vossa grandeza é portanto, comparada com a do globo terrestre, menor do que a d'uma formiga comparada com a d'uma bala do tamanho do Pantheon, em volta da qual ella girasse. Ora supponde-vos a caminhar em volta do globo, em todos os sentidos exactamente como o faria a formiga em volta da grande bala. Não cahireis porque este globo é d'iman e a sua attração liga-vos invencivelmente á sua superficie.

Qualquer que seja o ponto do globo para onde caminhardes chamareis sempre «baixo» á superficie que tendes por debaixo dos pés, e «alto» ao espaço situado por cima de vossa cabeça. Podeis-vos collocar successivamente em todos os pontos do globo sem excepção: todos elles serão o «baixo» para vós, e o ponto correspondente do espaço por cima de vossa cabeça será sempre

da mesma maneira—o «alto». Isto «d'alto» e «baixo» não é pois mais do que uma questão de posição em relação á vossa e nunca uma realidade absoluta. Dois observadores situados na extremidade d'um mesmo diametro terão o «alto» reciprocamente opposto; dois outros collocados na extremidade d'um novo diametro cruzando o primeiro e formando com elle um angulo recto terão o «alto» em dois pontos perpendiculares aos primeiros. E assim por deante. Se o globo inteiro fosse coberto d'observadores collocando cada um d'elles o «alto» na cabeça resultaria que todo o espaço restante que o cerca seria o alto para o total da população do globo.

É essa realmente a nossa situação no globo. Seja qual fôr o ponto que habitarmos, chamamos ceo o espaço situado por cima das nossas cabeças. Ainda ha mais. A terra dá uma volta sobre si propria em 24 horas. No momento em que lédes estas linhas consideraes como o «alto» o espaço que oiaheas levantando a cabeça; passado seis horas, pelo mesmo processo, dareis igual qualificação ao espaço então situado por cima de vossa cabeça é que n'esse momento forma

um angulo recto com a vertical; e no fim de 12 horas denominareis «alto» o espaço que na occasião em que estaes lendo se vos estende por debaixo dos pés. O «Ceo» é pois o espaço inteiro que nos cerca por todos os lados e atravez do qual o planeta terrestre corre com a magnifica velocidade de 660:000 leguas por dia.

Assim, não ha alto nem baixo absolutos no universo, nem direita nem esquerda, nem nenhuma posição absoluta portanto. A terra é uma esphera isolada no espaço, e este espaço estende-se até ao infinito e em todos os sentidos em volta d'ella.

«Até ao infinito»...! Experimentae profundar o sentido exacto d'esta palavra. Supponhamos que, querendo medir este infinito, marchaes da terra como ponto de partida e vos dirigis a um ponto determinado do «Ceo». Pois bem. Seja qual fôr o ponto do espaço para que vos dirigis, em linha recta e sem nunca interromper a carreira, ainda mesmo que a vossa velocidade seja igual á da luz (77:000 leguas por segundo), ou mais rapidamente ainda se é possível imaginar-se tal,—podereis... escutae... podereis voar durante annos inteiros com

essa velocidade prodigiosa, durante seculos inteiros, seculos e seculos... que nunca tocareis, «nunca», n'um limite d'esta immensidade...!

Ao passo que se fechavam abysmos na vossa rectaguarda, outros se abriam na vossa frente, perpetuamente, sem fim nem treguas, qualquer que seja o numero de seculos accumulados na vossa viagem; necessariamente ficaria aberta a immensidade e vós esgotaríeis antes a serie de seculos possíveis, absorveríeis o tempo, identificaríeis com a eternidade antes que vencer este poder do infinito, que, inacessivel, fugiria eternamente perante vós, rindo-se da vossa perseguição ardente. E na verdade, a vossa longa e incommensuravel viagem daria o mesmo resultado que ter-vos deixado ficar no mais completo repouso. Perante o infinito, não teríeis dado um unico passo.

Se, por conseguinte, suppozdes que a terra pode cahir no infinito que a cerca por todos os lados considerando-a um instante nunca no espaço ella ahí cahirá como uma bala n'um abysmo durante seculos e seculos e continuará a cahir incessantemente, sempre, sem que em toda a duração da eterni-

ANN LISA LO DEMOCRATICO

As aguias triunfantes pairando altosas por sobre o nosso continente espalharam a semente da liberdade que principiou de germinar occulta e morosamente em Portugal, depois de afugentada para as praias d'alem mar a nossa realza cobarde e egoista.

A politica pueril de Luiz Pinto de Sousa e a ingratitude insidiosa de Hespanha, eternamente de má fé conosco, preparando a invasão, que deu como principaes fructos: a emigração da corte com a deslocação de importantes riquezas, propriamente ditas e artisticas, publicas e particulares; a desmoralisação do espirito publico nacional que se encontrou n'uma falsa posição; a acclaração do movimento da independencia brazileira; e principalmente a guerra no coração da patria e as suas sabidas consequencias.

O degradante protectorado inglez — outro notavel fructo da arvore citada — exasperava os animos d'aquelles portuguezes que não podiam ver a sangue frio uma tutela humilhante directamente emanada do Rio de Janeiro e traduzida por um despotismo militar, o peor e o mais perigoso de todos, e personificada n'um estrangeiro que de conserva com uma regencia que tão fanatica como imbecil, tola e immoral nos arrastava pelo Calvario da politica e de publica administração.

Precisava-se a revolução e as ideias liberas tinham achado seiva na generalidade do caracter portuguez. Formase a patriótica conjuração de 1817 que aborta tragicamente pela infamia d'uma delação extinguindo no torpe suplicio da forca a vida de doze benemeritos martyres da liberdade, e entre elles, lamentavel perda! o illustre Gomes Freire, uma gloria nacional, que para eterna vergonha da patria veiu acabar como um saltador ou assassino depois de ter recebido os gabos de Catharina e d'outras personagens, depois de ter honrado e exaltado Portugal perante o estrangeiro pelo seu valor nunca desmentido e pela sua muita illustração e merecimento.

Caso muitas vezes repetido: — o unico crime que levou Gomes Freire ao patibulo, que nem sequer lhe permitiu a morte do soldado instantaneamente solicitada por elle como ultima graça e cuja recusa tamanha dor lhe causou que o impavido capitão, que se cobriu de gloria na brecha d'Ozcoff, que arrostou a morte nas mil batalhas do primeiro imperio, desmaiou como uma joven nervosa. — Foi o terror da infamia.

Este movimento precursor preparou e apressou 1820. A reacção partida de Waterloo suffocou que não matou o pensamento liberal. Uma parte do exercito hespanhol proclama na ilha de Leão, a 1 de janeiro de 1820, a constituição de 1812 que Fernando VII, um absolutista, teve de aceitar. Napoles imita os revolucionarios hespanhoes e a liberdade portugueza, representada por Manuel Fernandes Thomaz e José da Silva Carvalho; aquelle fogoso, arrebatado e ardente, perfeita alma de revolucionario; e este fleumatico e impassivel, prudente, reflectido, typo d'organizador, impõe-se soberana e intemerata a luz do dia 24 d'agosto de 1820 levando a cabo n'esse dia o seu pensamento e programma sem se manchar no sangue fraterno.

Coimbra e em seguida Lisboa abrem as portas ao exercito da Junta, que vê triumphar a sua causa e a ella adherir o paiz, fundando-se e consolidando-se o regimem liberal que mais uma tração da realza havia de suprimir tres annos depois.

Não importou. A ideia tinha irresistivel força de expansão, e a semente estava lançada.

Gloria a este anniversario e gloria aos seus heroes!

EDUARDO ARVINS.

CARTAS

Lisboa 18 de agosto.

O rei entrou em Lisboa ante-hontem pelas 6 e meia horas da tarde no meio do indifferentismo mais glacial, que se pôde imaginar.

Na gare estava parte do mundo official; alguns militares, empregados publicos, vereadores municipaes, policias e Arrobas, que commandava toda esta gente. Alem d'isso estavam alguns curiosos, a quem a ida á estação do caminho de ferro aquella hora, serviu de passeio hygienico depois de jantar. Pedro Franco, á custa do cofre municipal, mandou collocar desde Alcantara até Ajuda, uns paus segurando uns trapos, fingindo bandeiras e Corrilho, administrador do concelho de Belem, contratou a phylarmonica de Carnide que abrilhantou a festa; esta mesma phylarmonica foi arranjada com difficuldade; depois de Corrilho fazejar os arrabaldes de Lisboa e receber recusas de muitas.

E já tempo de se convencerem que não ha enthusiasmos monarchicos da parte da população da capital, e acabem com estes simulacros de arraial, improprios d'uma cidade que se diz civilisada; deixem entrar e sair o seu feitiço em silencio e ganharão mais com isso.

Não nos convem que isto caia pelo ridiculo; é preciso que o povo se convença de que a monarchia cabe porque é contraria á civilisação, porque repugna á nossa consciencia de homens livres, á dignidade humana.

Deixemos a orgia que já terminou; que Zé povinho pague as festas sem fazer barulho para agradar a el-rei e ao seu valido; e que el-rei trata de descalçar a bota que o Antonio Maria lhe calça.

Parece que deve sair brevemente, publicado no Diario do Governo o decreto mandando proceder ás eleições supplementares; diz-se que os collegios eleitoraes serão convocados para outubro. A galopagem aqui nos dois circulos de Lisboa já anda desalorada. O governo conta com os guardas da alfandega e com os dependentes da camara municipal; e elles serão submissos...

Cada vez são mais desoladoras as noticias que nos chegam das provincias do ultramar. Uma anarchia completa nos serviços publicos; uma miseria extrema no commercio.

Quando todos os paizes que têm colonias, tratam de promover n'ellas todas as fontes de riqueza, para d'ahi

tirar elementos a fim de conservarem a sua autonomia, a sua liberdade, o seu direito á existencia como nação civilisada; nós deixamos ao completo abandono as nossas possessões. Como tudo isto se afunda! e para que abysmo caminhamos! Mais dez annos de monarchia constitucional sobre este paiz e Burnay ou qualquer outro especulador que levante o grito de — quem mais lança?!

Diz-se que o cunhado do Arrobas, sr. Rangel de Quadros, não aceita o logar de governador civil de Lisboa com que o governo o queria recompensar dos serviços prestados por aquelle cavalheiro como juiz do 3.º districto criminal. Pois é pena, iam ter governador civil á Arrobas e o partido republicano ia ter outra vez dedicados collaboradores, nas fileiras da realza. O motivo da recusa do sr. Rangel de Quadros é provavelmente o mesmo que occasiona a saída do sr. Caetano de Albuquerque; nenhum quer consentir que seja Arrobas quem dirija a policia.

Até aqui havia falta de policia, porque a maioria d'essa corporação estava passeiando com el-rei pelas provincias; agora já ella está toda em Lisboa, mas caçada, porque segundo consta, esses briosos sustentaculos do throno e do altar, não foram bem tratados.

Enquanto Arrobas não voltar para o governo civil, a policia não está satisfeita; mas tambem gasta-se no primeiro trimestre, a quantia orçada para todo o anno.

Saiu já o n.º 15 da Galeria republicana. Presta homenagem á memoria de Garibaldi, publicando uma biographia assignada por G. Benevides e acompanhada do retrato do valente caudillo da democracia.

A falta de pagamento aos empregados do Estado, tem sido bastante notada e é objecto de largos commentarios. Tributa-se o pão, o sal e a luz para obter dinheiro para occorrer, ás urgentes despezas do paiz e para extinguir o deficit, segundo dizem e cada vez se sente mais falta de dinheiro; mas apesar d'isso os governantes com todo o cynismo e descaradamente provocadores, gastam-o locamente em preparar manifestações espontaneas á realza, em commissões ou affilhados, emfim n'esta orgia em que tudo tripudia com um despalante reles e pulha!

Ha dinheiro de prompto para pagar a quanto fidalgo arruinado ou defensor encartado queira ir para o estrangeiro, para pagar a phylarmonicas e aliciar gente nas estações por onde passa a comitiva real, para preparar luxuosos gabinetes e opiparos banquetes, para adiantamentos a altos personagens, para tudo isto e muito mais e não ha uns magros tostões para pagar aos professores de instrucção primaria, aos carteiros, aos telegraphistas, etc. Nada, assim não temos direito algum a existir como uma nação independente; ou tomamos juizo e reivindicamos as nossas regalias que nos estão sendo esmadas por esta cafila de ladrões do nosso dinheiro e assassinos da nossa honra, ou então que nos assasinem por uma vez. Isto assim é indigno, é infamante e os homens que ainda se julgam honrados e patriotas no meio d'esta bacchanal, tem que protestar, mas protestar com factos.

Y.

existem n'ella a uma pequena altura; a forma concava que notamos n'este zimbório apparente é apenas o resultado da perspectiva. Vivemos, pequenos seres microscopicos que não sabemos pensar, no fundo d'este oceano aerio; o «azul» do ceu e esta propria atmosphaera cujas particulas reflectem em toda a parte os raios azues do espectro luminoso.

Se nos elevarmos n'um balão ou subirmos ao alto d'uma montanha deixaremos de ver a cor celeste e reconheceremos que o espaço é incolour. Uma demora d'alguns instantes na superficie da lua ainda mais saliente nos tornaria esse facto. O astro polido da noite é com effeito privado d'ar e durante as suas marchas interminaveis (quinze vezes mais extensas que as nossas), em lugar d'este bello pavilhão, possui uma immensidade negra e lugubre, povoada ao mesmo tempo d'um astro fulgurante, o Sol; d'uma lua de phases variaveis, a terra; e d'uma multidão d'estrellas.

A terra, como sabeis, faz parte d'um sistema de mundos cujo centro é o Sol. Supponde uma bala d'artilheria pairando no espaço. A diferentes distancias em volta da bala quatro grãos de chumbo: Mercurio,

Venus, a Terra e Marte. Mais longe quatro balas pequenas, d'espingarda: Jupiter, Saturno, Uranos e Neptuno. Os grãos de chumbo e as balas pequenas giram em volta do projectil d'artilheria. Tal é, em conclusão, o sistema planetario. Os quatro grãos de chumbo são do tamanho da terra ou um poucochinho menores; as balas pequenas são de 100 a 1.500 vezes maiores; e a bala d'artilheria é um milhão e meio de vezes mais volumosa que a referida terra.

Este sistema está suspenso em equilibrio no espaço. Quem o sustenta? O tecido invisivel da atracção universal. Está em repouso? Não. Gravita, ou o que é o mesmo, cabe. Cabe no abysmo infinito. O sistema solar cabe com uma velocidade avallada em duas leguas por segundo, mais de sete mil leguas por hora, mais d'um milhão de leguas por semana e 60 milhões de leguas por anno! Que a linha seguida seja recta, curva ou sinuosa pouco importa, já dissemos que podemos cair eternamente sem encontrar o fundo do abysmo.

GAZETILHA DA SEMANA

Na terça-feira de tarde Ao publico foi aberto O novo edificio onde O Guimarães & Norberto

Installaram ainda ha pouco Uma olaria modelo. Quem quiser ter o seguinte: Falle com—Luiz de Mello—

Tem terrinas, pratos, pires, Ladrilhos e compoteiras, Jarrinhas, jarrões, jarretas, Manilhas e saladeiras. . .

E tem alguidares bonitos Taças finas, bellas malgas Bilhas, canecas, maringues, Louça melhor que a das Caldas !!.

Chavenas e almofias Pucaros de toda a raça! Potes grandes e pequenos Feitos da mais fina massa!

Quanto á festa, foi bem boa Musica e tudo alegrias, Mas as honras só couberam Aos jarros e ás bacias.

Na verdade quem quiser Ter um aparelho chuc, É só ir á Fonte Nova E pedir que lh'o fabrique.

Eu por mim encomendei-lhe (Que o Fontes não se amofine) Pr'a mandar ao Syndicato Um... Quem quiser que o advinhe.

CRI-CRI.

FAVORITA DE BOU-AMENA é o titulo de um excellente romance de propaganda republicana, descrevendo fielmente a historia da França desde 1871 até ao presente.

Sabiu o 2.º fasciculo d'esta importante publicação, esmeradamente traduzida e illustrada.—É edictada pelo sr. Francisco Nunes Collares, proprietario da Empresa Noites Romanlicas.

O congresso de livre-pensadores que devia realisar-se em Roma no proximo mez de Setembro ficou transferido para abril do anno de 1883.

Por alvará d'el-rei D. José, de 25 de julho de 1759, referendado por Sebastião José de Carvalho e Mello, foi elevada a cidade a villa de Aveiro.

Estreia-se hoje em Lisboa, no Colyseu dos Recreios a celebre tragica Marini que vem precedida d'uma reputação universal, havendo quem diga que é superior á Sarah Bernhardt.

Os jesuitas da Covilhã auferem uma soberba bagatella do seu commercio com o beaterio. Nada menos de dez contos de reis annuaes que lhes vão parar ás mãos.

Por aqui se vê que estes manhosos sotanas trabalham desinteressadamente na vinha do Senhor!

O numero das victimas da inqui-

dade alcança o fundo do abysmo. Depois de mil seculos de queda, confirmaria a cair durante mil seculos ainda sem nunca se approximar do termo. Teria avançado o mesmo que se tivesse ficado em repouso, porque na realidade o caminho que percorren seria zero comparado ao infinito.

sição em Hespanha eleva-se a 350:000 pessoas. Só Torquemada mandou queimar vivos 10:220 hereticos! E esta besta fêra é considerada hoje em o numero dos santos do carnaval catholico!

Principiará breve a publicar-se no Porto mais um novo jornal que se intitulará *Salamancada*.

Na rua da Aguiã, em Madrid, deu-se ultimamente um grande crime. No primeiro andar do prédio n.º 14 viviam dois casados idosos, cuja filha, se tinha casado ha pouco.

As sete e meia apresentou-se na casa o genro e seus paes a reclamarem do sogro do rapaz um colchão, que diziam pertencer á filha e que parece ter sido empenhado em 41 reales. Por este motivo originou-se uma acalorada contenda entre os cinco individuos vindo de palavras ás mãos e d'ahi as armas. D'ahi a pouco a casa era um sangrento campo de batalha.

O pae do rapaz recebeu uma terrível punhalada no lado esquerdo do ventre, outra no ante braço direito e duas no indice da mão esquerda.

O sogro foi ferido gravemente no hypocondrio direito, na região mamaria esquerda e no quadril.

A sogra tinha uma profunda ferida na parte inferior esquerda da região traxica.

O genro e a mãe saíram illesos sendo presos. Os sogros do rapaz falceram pouco depois e o pae não dá esperanças de vida.

O *Times*, n'um dos seus ultimos numeros dá conta d'uma originalissima applicação, que o phonographo acaba de ter nos Estados Unidos. Todos conhecem este interessante apparelho, invento d'Edison, que reproduz automaticamente todo o som quer na linguagem fallada quer no canto, como dos instrumentos musicos nas suas diversas classes.

Um americano rico achando-se doente mandou chamar o tabellião e perante testemunhas declarou, que na ultima vontade fôra por elle transmitida a um phonographo, que encerrado n'uma caixa e sellado fôra depositado em casa d'um tabellião seu amigo e que era de sua vontade que vinte e quatro horas depois do seu fallecimento fossem buscar e que reunida toda a familia, perante as autoridades, se procedesse á reprodução phonographica das suas ultimas palavras.

Morto o homem compriu-se a sua vontade. Na sala da residencia do fallecido reuniu-se a familia com os respectivos representantes da autoridade e foi-lhes apresentada a caixa lacrada contendo o phonographo. Depois de preenchidas as formalidades legais e no meio de mais respeitoso silencio, começou a operação.

O phonographo, com um accento e correcção notavel, conservando rigorosamente a inflexão e o metal da voz do excentrico americano começou a fallar. A familia ficou surpresa e a custo continha a sua commoção. Ouvia perfeitamente a voz do seu extremo chefe dar-lhe os ultimos conselhos e indicarlhe os seus ultimos desejos. Dois tabelliões escreviam o original depoimento. Foi tal a commoção produzida por este facto, que no auto legal, que se faz, as assignaturas estão todas muito tremidas.

O nosso folhetim é tirado do magnifico livro *Contemplations Scientifiques* do grande mathematico Camillo Flammarion. D'aqui em diante daremos aos leitores, quando nos for possível folhetins tirados de livros d'escriptores celebres, e que estejam ao alcance de todas as intellegencias, porque cada vez nos convencemos mais de que a revolução social deve assentar na revolução scientifica, para que se torne definitiva.

Esteve de novo entre nós o sr. Adolpho B. da Costa Andrade, um dos collaboradores do nosso jornal e redactor do *Seculo*. Este nosso dedicado correligionario demorou-se n'esta cidade tres dias, recebendo as mais

agradaveis impressões. Partiu na quinta feira para as Caldas da Rainha, onde se foi encontrar com os nossos presados collegas Magalhães Lima, Silva Lisboa, Cazimiro Freire e Guilherme Henrique de Souza.

Estamos constantemente a receber queixas dos nossos assignantes, de que não recebem os jornaes que lhe enviamos. Pedimos ao sr. director geral dos correios providencias. Temos enviado todos os jornaes que nos dizem não serem recebidos.

Lembramos tambem a necessidade de reparar para o modo como é feito o serviço da cobrança das assignaturas dos jornaes. Teem-nos sido devolvidos alguns recibos com a declaração do correio de que os destinatarios não pagam, em vista do que suspendemos a remessa. Dias depois, porém, recebemos d'aquelles nossos assignantes reclamações pedindo o jornal, e respondendo-lhes nós que procedemos segundo a declaração do correio, dizem-nos que taes recibos lhes não teem sido apresentados.

Pedimos ainda providencias para que taes abusos se não repitam.

O chafariz do Espirito Santo continua no mesmo estado. A respeito de agua nada de novo. O cano lá tornou a rebentar. Quando é que a senhora camara nos dará o prazer de vermos levada a agua ao seu destino? Por Deus, façam alguma cousa que geito tenha ou então acabem por uma vez com tal fonte e com taes encanamentos? Isso que para ahí está é deploravel e impossivel.

Domingo passado houve n'esta cidade um grande conflicto já longamente narrado, ainda que com inexactidões de parte a parte, pelos jornaes da localidade. O caso é simples e não gastaremos muitas palavras a referi-lo.

Os policiaes civis, que estão aqui fazendo serviço, prenderam um rapazote, que os provocara segundo nos affirmam, e alguns pescadores a cuja classe pertencia o tal rapazote prenderam solta-lo, de que resultou uma questão assanhada de parte a parte. Os policiaes teimaram, os pescadores teimaram tambem, juntou-se muito povo, juntaram-se mais policiaes aos toques d'apito, houve grande motim, um policia foi ferido, outro ficou com o casaco rasgado e parece que tambem ficara contuso um popular. Acudiram as autoridades que conseguiram com muito custo levar um pescador até á cadeia. E eis o que se passou. Agora os nossos commentarios, a nossa opinião franca, imparcial, desassomburada como a costumamos dar sem nos importarmos com interesses politicos, nem com nada, porque nós estamos aqui para illucidar e guiar a opinião publica e não para especular torpemente com ella, como *alguem* faz.

Ninguem, absolutamente ninguem, conhece tão intimamente como nós as classes populares d'esta terra, porque vivemos com ellas, sendo mesmo este jornal propriedade d'alguns dos seus membros. Por isso estamos autorizados a affirmar que são pacificas, que são ordeiras, que são illustradas e dignas. Ha, porém excepções, como em tudo. Ha tambem por ahí muito vadio e muito garoto que nada respeitam e que julgam poder fazer toda a qualidade de patifaria, e que ninguem lhes hade pedir contas do seu modo de proceder. Ora esses é que são d'ordinario os provocadores. Esses é que realmente merecem uma boa dose de cadeia para terem juizo.

Conhecemo-los perfeitamente e por isso avançamos a tanto. Aveiro a respeito de policia tem sido até hoje uma verdadeira aldeola. Praticam-se por ahí as maiores indecencias e arbitrariedades, sem que haja quem lhe ponha cobro. A policia aqui é d'uma necessidade impreterivel e o que nós mais lamentamos é a sua falta e que se tragam para aqui homens que vieram apenas servir de *guarda costas* reaes. Sobre o conflicto temos á dizer, que não sabemos se a policia exorbitou nem senão. Acreditamos que sim. Nas exaltações acontece sempre isso. Mas o que nos affirmam é que foi altamente provocada e nós tambem o acreditamos piamente, porque mais d'uma vez

o temos presenciado em cima da ponte e n'outros lugares. O nosso dever de jornalistas republicanos obriga-nos a estigmatizar, esse procedimento, porque se o povo julga que a republica é a desordem, se pensa que sob esse regimen cada um faz o que quer, está completamente enganado. Se pensa ainda que nós, por sermos republicanos, estamos aqui no *Povo de Aveiro* promotos a deffender todas as suas imprudencias, mais enganado se acha ainda.

O povo honrado e digno, as classes operarias, na sua parte honesta que é a grande maioria, tem em nós uns pugnaes energicos e intransigentes, uns zeladores strenuos dos seus interesses; os vadios, os provocadores avinhados das ruas, os que não teem a consciencia da sua dignidade, repellimo-los. Esses que vão ter com uns especuladores miseraveis e villões que para ahí ha, sempre mentirosos, sempre trampolinos, sempre promptos a abri-lhe os braços contando que lhe levem o voto. Para nós, votos indignos não servem de nada. Morremos no nosso campo empunhando a vara da justiça. Repetimos, acreditamos que a policia tenha exorbitado mas se a não andassem a provocar ha muito talvez nada succedesse.

Quanto ás autoridades que temos fustigado asperamente muita vez, não as podemos censurar agora, porque presenciaemos a sua moderação. O respeito pela lei e pelas autoridades quando ellas não exorbitam, acima de tudo. E temos dito.

D'esta vez o fiasco foi completo. El-rei nem ao menos teve os vivas dos seus fiéis empregados publicos, que se apresentaram na *gare* com as suas burguezas librés de gala. Um grande pandego de suissas loiras, já amestrado na celeuma do vivorio prorumpiu nas saudações do costume, que nem sequer foram correspondidas. Um outro tal *Joãozinho*, com costellas de frade mendicante, tambem deu dois estalos com a lingua que afinal nem por desgraça foram ouvidos. S. Magestade com a cabecinha fóra da portinhola do wagon, abandonava a sua sacratissima e fina mão aristocratica ás beijocas desensabidas dos figorões de gravata. O povo de chapéu na cabeça e a ironia da descrença no semblante assistia mudo e indifferente á passagem dos reaes viajantes. O sr. D. Luiz com a divina sagacidade d'um monarcha por *graça de Deus* devia comprehender e desenganar-se perfeitamente, que alli tinha mais adversarios que parciaes dynasticos. E o rei percebeu-o.

Cá fora dizia minutos depois um dos monarchicos mais cabeçudos que conhecemos:

— Isto foi o diabo. O rei foi recebido com uma indifferença deploravel e eu nem sei de quem é a culpa.

O povo que lhe responda.

Quando o destacamento de lanceiros foi para a estação preflar-se na passagem dos monarchas, em vez de seguir directamente o itinerario mais curto e regular, andou a mostrar-se pelas ruas da cidade ao toque de corneta e fazendo grande espalhafato para atrahir a curiosidade do *Zé* e leval-o atraz de si para a *gare* do caminho de ferro. Tudo para ao depois se poder dizer que uma grande multidão aguardava a *familia sagrada*. Ora cebolario, srs. monarchicos de feira, quem não tem devoção não vae á missa.

Quem seria o famoso dentista que se lembraria da farçada? Vã, appareça elle, que nós queremos recommendal-o á magnificencia regia, para que seja convenientemente condecorado com um habito qualquer.

O *Diario de Noticias* no artigo de fundo do seu n.º de 17 do corrente, fallando da chegada das magestades a Lisboa, diz, entre muitas outras cousas, e para affirmar a pureza das acclamações recebidas nas provincias do norte, o seguinte:

«Attestamol-o nós, na nossa fé de jornalista que busca escrever a verdade, e a reproduz todas as vezes que ao nosso alcance chegamos informações escrupulosas, como foram as d'esta excursão, á qual, como sempre temos

em occasoes identicas, mandamos um dos redactores effectivos d'esta folha, que, dia a dia, e hora a hora nos communicou, em numerosos e extensos telegrammas, de nosso serviço especial, todos os pormenores da viagem, sem outra inspiração mais que a do cumprimento do dever de chronista exacto.»

Mais adiante, na descripção das festas, e quando o comboyo real passava na estação d'esta cidade, dizia:

«Em Aveiro chegou ás 11 horas e um quarto. Mais de 4 mil pessoas enchiam a *gare* e estendiam-se pela linha. A camara e outras autoridades, muitas senhoras, muzicas, guarda de honra, infantaria 11, e lanceiros. Muitos vivas, damas saudando com lenços das janellas, grande expansão de alegria.»

Este incolor é d'uma graça!... 4:000 pessoas! Se esta é a inspiração da verdade, não sabemos o que é mentir, porque, francamente, esto mente com o todo o descaro.

Os jornaes monarchicos da terra que o digam.

No domingo passado quando a policia conduzia um preso para a cadeia e que a gente da beira mar se opunha a que a prisão se levasse a effeito; um burguez indinheirado tido e havido por o mais chapado ignorante d'esta terra, estava bociferando contra os republicanos atribuindo-lhes a responsabilidade do tumulto que se estava presenciando.

O grande alarve perfeitamente que o grupo republicano não tem cousa alguma com os tumultos que por ahí tem havido, pois tem sido sempre provocados por borrhadeiras e não por questões de partido, mas gosta de implicar com os republicanos o que por mais de uma vez já tem demonstrado.

Lembramos porém ao tal *almocreve* que desista de nos estar sempre a provocar por que aliás obriga-nos a tomal-o á nossa conta.

Dizem-nos que na sexta-feira passada, ás 5 horas da manhã, atracou ao caes da Praça do Commercio um barco, com cereaes destinados a serem vendidos n'aquella praça. Já alguns compradores se tinham abeirado do barco quando um regateira saltou dentro e chamando o vendedor de parte resolveu-o a retirar os generos que trazia e a conduzil-os para casa d'ella.

Não nos parece conveniente que as cousas assim continuem e ao sr. administrador do concelho recommendamos que faça acabar com estes abusos por uma vez, o que de certo conseguirá, se quizer.

Não basta ciumular que deseja suster na ordem os transgressores, é preciso provar que ha vontade de o fazer.

De que serve o processo que s. s.ª fez instaurar contra uma outra regateira? Provavelmente serve só para constar e para encommodar as pessoas que chamam para testemunhas, por que o sr. administrador bem sabe que tal processo não terá andamento.

Se o sr. administrador quizesse realmente castigar a transgressora tinha meios mais promptos e mais certos, sem ser preciso tanto espalhafato que na nossa opinião rondou em nada.

Desejamos por tanto mais obras e menos poeira que já nos não cegam com ella.

Na quarta feira, na occasião em que o destacamento de lanceiros formava no largo da estação d'esta cidade o tenente da força, com uns modos provocantes e brutos, começou a entender com os cavallos d'uma das carruagens que alli estacionava, sobre protesto de que queria dispôr a cavalharia a seu modo. O cocheiro observou-lhe delicadamente que não maltratasse o gado e se tinha a dizer-lhe alguma cousa o dissesse em termos dignos e cordatos.

Isto foi o bastante para o bravo filho de Marte lhe dizer com maneiras desabridas:

— Olhe que commigo não se brinca e o caso é muito serio.

Pois sim. Mas tome tento na bola sr. militar. Isto não vae assim. O tempo das fanfarronadas bellicas já passou. Tenha mais um pouquinho de commedimento na lingua e não seja tão dispartado, fañanhudo, e inconveniente.

Diz o *Campeão* que alguns policiaes civis an-laram um dia d'estes a nadar n'um dos esteiros de S. Roque, onde é ponto forçado de passagem, de maneira que as mulheres que passavam pelo sitio tinham de velar o *osto*, para não verem estes marmannos no seu estado de completa nudez. j

O sr. administrador do concelho, reprehenda os seus meninos, faça favor.

Visitámos um d'estes dias a nova fabrica de louça, sita na Fonte Nova, propriedade dos srs. Norberto Ferreira Vidal e Luiz de Mello Guimarães, e que na terça feira foi inaugurada, franquendo-se por essa occasião a entrada ao publico. Por amostras de alguma louça que vimos proveniente da primeira fornada, faz-nos suppor que este estabelecimento se aperfeiçoará em breve tanto quanto seja compactivel com as condições da fabrica e com a boa vontade dos seus proprietarios.

Um desavergonhado entreteve-se para ahí a proparar que um dos redactores d'este jornal andava a incitar o povo á insubordinação e até a dar vivas á republica na noite de domingo, na occasião que teve lugar o conflito entre a policia e a gente da beira mar.

Isto é simplesmente uma infamia de conveniencia, vomitada por um miseravel qualquer, que pinoteia na sombra á laia de jesuita scelerado e com aprasimento glorioso do sr. administrador do concelho. A similhante calumniador encartado apenas se pode responder com o escarro do nojo ou então com o correctivo do chicote verghalhar-lhe o focinho de animalejo bravo.

Não se realiza hoje a tourada que estava annunciada, no campo do Rocio. Ainda bem.

Os espectaculos d'este genero em vez de morigerarem o povo bestialissam-no, e trazem de ordinario consi-go consequencias deploraveis.

Na quarta feira, quando um distincto medico de Lisboa ia tomar uma limonada, em lugar de acido citrico deitou no copo hydrochlorato de morfina.

Pouco depois sentiu os effeitos do envenenamento, podendo, felizmente, ainda acudir-se-lhe.

Está em Lisboa a celebre funambula Speltirini.

PILHERIAS

Certo cura examinando um marinho sobre doutrina christã perguntou-lhe:

— O padre é Deus?
— Sim! lhe respondeu o examinado.
— O filho é Deus?
— Não, senhor padre.
— Pense bemno que diz, homem!
— Não senhor, sel-o-ha porém quando morrer o pae!

Um sujeito querendo-se tornar engraçado para com uma dama, diz-lhe:

— Que formosos pés que tem! Em fazendo testamento, lembre-se de mim; deixe-m'os, sim?

— Com muito gosto, respondeu ella; ficará com quatro.

Um tabellião, no acto de fazer testamento a um moribundo, perguntou-lhe:

— Quantos filhos tem?
— Cinco, senhor, e cinco que morreram, dez.
— Como se chamam os mortos?
— Senhor; aqui n'esta terra os mortos chamam-se... *defuntos*.

ANNUNCIOS

ATENÇÃO

Fernando Homem Christo, com loga de carpinteiro na rua do caes toma encomendas de carpintaria, constando de portas e janellas e outras construções n'este genero, para o que tem excellentes madeiras e por preços muito comodos.

Ourivesaria

9 RUA DA COSTEIRA 9
1.º andar

N'esta officina executase com perfeição todos os trabalhos, tanto em ouro como em prata.

Garante-se em todas as obras feitas n'este estabelecimento um preço modico.

AGENDIA DA PROVINCIA

Proprietario: — Amorim & Companhia Escriptorio: — antigo Correio Geral 2 — 3.º

LISBOA

Esta agencia encarrega-se de tratar de prompto e mediante pequena commissão de:

Negocios forenses, esclarecimentos sobre collegios e casas de educação, certidões de exames, casamentos, matriculas, passaportes, etc. etc.

De comprar mediante commissão modica, livros e obras dramaticas, musicas, machinas de costura, machinas e utensilios agricolas, artigos de modas, fazendas para vestuario, mobilia, pianos, objectos de ouro ou prata etc. etc.

Envia amostras e figurinos pelo correio.

Promove assignaturas e annuncios para todos os jornaes de provincia.

Encarrega-se de assignaturas e annuncios para todos os jornaes nacionaes e estrangeiros. Envia specimens dos mesmos.

Fornecer informações pelo correio ou telegrapho sobre qualquer pretensão dos trihuanaes, cartorios, secretarias de estado, etc etc.

Recebe encomendas de vestidos, fatos para homem, calçado, etc etc. Encarrega-se de pôr á moda qualquer vestido ou chapéu antigo.

Tudo com a maxima brevidade e por preços resumidos.

Promove a venda em Lisboa de cereaes, vinhos, e outros quaesquer productos agricolas.

Dão-se referencias de credito. Para mais esclarecimentos, dirigir-se a

AGENCIA DA PROVINCIA
ANTIGO CORREIO GERAL — 2 — 3.º

LISBOA

FAVORITA

DE

BOM-AMENA

— Romance de propaganda republicana, descrevendo fielmente a historia de França desde 1871 até ao presente. — Saiu o 2.º fasciculo d'esta importante publicação, esmeradamente traduzida e illustrada. — É editada pelo sr. Francisco Nunes Collares, proprietario da *Empreza Noites Romanticas*, Rua da Atalaya 18 — LISBOA

ALMANACH

DO

PAE ARROBAS

Para 1883

Contem: Calendario — Tabellas — Juizo do anno — Casamento do sr. Fontes — A salamancada — A morte da hydra — Arrobas é bruto! — Requecimentos dos estudantes de medicina — Doidices — Regulamento para a policia — Antipathias — A campanha dos archotes — A mana do magistrado — Arrobas fazia versos — Tres espões — Diz-se... etc., etc., etc.

Está á venda no Porto, Kiosque da Praça de D. Pedro. Pedidos a J. B., Rua da Mouraria 87, Lisboa.

Preço 50 reis

TYPOGRAPHIA



"POVO DE AVEIRO,"

N'esta typographia, recentemente montada, executam-se artisticamente todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que tem uma escolhida e variada colleção de phantasias e vinhetas modernas. Incumbe-se de todos os trabalhos, taes como: circulares, facturas, bilhetes de visita e de pharmacia, participações de casamento, chancellas, mem-muranduns, prospectos, procurações, mappas, programmas, editaes, guias, recibos, guias de remessa para o correio, etc., etc.

Tambem se imprime a côres, ouro, prata, bronze, etc.

Garante-se a brevidade, nitidez e sobretudo modicidade nos preços.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

Crystaes, mobilia e mercearia

DE

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

➤➤➤ RUA DIREITA ➤➤➤

AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de côr, molduras douradas e pretas, gale-rias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

SINGER!

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril

SINGER

— Rua de José Estevão, 26 e 28 —

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas ligittimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento. Em todas as machinas vendidas a praso dispensa-se a prestação de entrada, sendo o seu pagamento feito a **500 reis semanaes**

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos

AVEIRO

A MARSELHEZA

Em francez e portuguez

Um folheto de 8 paginas, com uma gravura, preço 20 reis. Vende-se, no Porto, kiosque da Praça de D. Pedro, — em Coimbra, na loja do sr. João Correia d'Almeida, — Pedidos da provincia, a J. B. Rua da Mouraria, 87, Lisboa. — Precisam-se agentes na provincia.

CONSELHEIRO DO POVO

Manal Pratico dos cidadãos portuguezes para cada um se dirigir e requerer por si, sem dependencia de procuradores, nos trihuanaes e repartições publicas, segundo as Leis do Reino.

Sahi á luz o 3.º fasciculo d'esta interessante publicação.

Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte).

Custa apenas 120 rs.

SINGER!

SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 reis semanaes



Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mndo conhece e que nunca tiveram rival

CAUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL

SINGER

75—Rua de José estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

FEELIA

52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torças, agulhas, oleo e peças soltas preços barattissimos

AGENCIA DE ENCOMMENDAS

DE

PORTUGAL E BRAZIL

Proprietario—Francisco

Nunes Collares

COMISSÕES DIMINUTAS

18, Rua da Atalaya, 18

LISBOA

GRANDE SUCCESSE

A FAVORITA DE BOU-AMENA

O MIS DR MTCO DOS ROMNCS CONTEMPORNEOS

POR

LOUIZ D'ARENE

Versão de Augusto José Vieira

Folhas de 8 pag. 10 rs.—

Estampas a 10 rs.

O enredo d'este magnifico romance, todo palpitante de interesse, desenvolve-se nos nossos dias; os personagens, pela maior parte ainda existentes, reconhecem-se perfeitamente.

A *Favorita de Bou-Amena*, deve pois obter um exito sem precedentes na historia do folhetim contemporaneo.

O auctor teve o feliz arrojo de descobrir, primeiro do que ninguem, as velhacarias e trações de um homem, que occupando outr'ora uma das mais altas posições, está actualmente marcado para sempre pelo ferrete infamemente da vergonha.

Um dos principaes assumptos d'esta publicação, é as conspirações Bonapartistas contra a Republica Franceza, as traço-mas com a Alemanha, com a Italia, a 67.

com o Bey de Tunis, com Bou-Amena etc., etc.

No 2.º capitulo d'esta interessante obra, apresenta o seu auctor marechal Azaine entregue, aos seus projectos de tração á patria.

Luiz d'Arène soube, ao tempo, crear heroes sympathicos cuja existencia arrojada e aventureira prevarava as peripecias mais commoventes.

Os leitores encontrarão n'esta obra os effeitos dos ardis de duas mulheres guiadas por paixões contrarias, o amor e o odio: uma perseguindo sem descanço a realisação do seu ideal, e a outra a destruição e a ruina da sua patria.

MACHINAS LIGITIMAS

SINGER

Chegou ao deposito da Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão d'esta cidade um novo e variado sortimento de suas machinas de costura, com novos melhoramentos e por preços convidativos.

Tem apparecido por ahí algumas machinas a imitarem as verdadeiras do Singer. É preciso reparar bem na sua marca e ver se são legitimas.

N'esta cidade só se vendem na Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão 75 a 79 e em Ovar na Praça.

BANDEIRAS

A LUGAM-SE bandeiras novas, quem nas pretender atugar falle com Rodrigo Miero, rua de José Estevão n.º—64